Fábio: a idealização do herói na obra *Beiradão* de Álvaro Maia[1]

Regiane de Aguiar Pinheiro[2]

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em realizar uma pesquisa bibliográfica na obra intitulada *Beiradão*, escrita por Álvaro Maia no ano de 1958, na qual o autor compõe, além da contextualização histórico- social da Amazônia durante o período do ciclo da borracha, uma idealização heroica da personagem central do enredo, Fábio Moura. Este trabalho tem como apoio teórico críticos que abordam a ligação entre literatura, história e sociedade, tais como Goldmann (1976), Antonio Candido (2000), Nelly Novaes Coelho (2009) e Kothe (1987), que trata da diversidade de herói na narrativa. Também realizaremos análise da história da colonização amazônica através de um olhar voltado ao auge e a derrocada da borracha, cujos elementos fazem parte do objetivo deste trabalho. Sobre este prisma trabalharemos autores como Neide Gondim (2007), Márcio Souza (2009) entre outros. Buscamos no final desta pesquisa apresentar características que interligam autor e obra, na idealização do personagem central.

Palavras-chave: História e Sociedade, Herói idealizado, ciclo da borracha na Amazônia.

Abstract: The objective of this article consists of to do a bibliographical research of the work *Beiradão*, it was written by Álvaro Maia in 1958. In this work the author creates beyond the historic social context of the Amazonia during the period of the rubber cycle, a heroic idealization of the central character's of the plot, Fábio Moura. This work has as theoretical support critic, they deal the connection between literature, history and society, such as Goldmann (1976), Antonio Candido (2000), Nelly Novaes Coelho (2009) and Kothe (1987). Both discuss the diversity of the hero in the narrative. We will also accomplish an analysis of the history of the Amazon colonization through a returned look to the peak and the fall of the rubber, of which elements are part of the objective of this work. That's why we will work authors such as Neide Gondim (2007), Márcio Souza (2009) among others. We searched at the end of the research to show characteristics that interconnect author and work, in the central character's idealization

Key-words: History and Society, Idealized Hero, Rubber Cycle in the Amazonia.

Neste sentido, é interessante observar a maneira como certos escritores, em conformidade com propósitos pessoais, apropriam-se da literatura enquanto expressão de mundo e conseguem vincular fatos históricos e pessoais, oriundos de sua própria vivência familiar, por meio de personagens fictícios e, assim, atribuir um significado ou valor sociocultural à sua produção. (Joanna, p. 14)

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação do professor José Amarino Maciel de Brito, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

Introdução

Este trabalho tem como base de análise a obra *Beiradão* escrita por Álvaro Botelho Maia em 1958. Este romance relata, entre outros temas, a história do jovem Fábio Moura, ex- seminarista na cidade de Crato, no estado do Ceará, que vem para o amazonas juntamente com outros nordestinos banidos pela seca. Todos trazem consigo o desejo de ganhar dinheiro com a extração da borracha e assim poder retornar para sua cidade, mas apesar de todo sofrimento e angústias passado nos seringais, Fábio decidiu permanecer e criar raiz nestas terras que aprendeu a amar e respeitar.

A partir dessa ideia, podemos analisar a obra *Beiradão* como a idealização da personagem Fábio pelo autor Álvaro Maia, na qual o autor apresenta fatores representativos da sociedade da época, junto com o grande desejo de transformação das terras amazônicas no período pós-crise econômica ocasionada pela queda da borracha, transformando a região em um lugar repleto de novas oportunidades. Veremos que a obra possui elementos inseridos através do ponto de vista idealizador por meio da função autoral de seu criador.

Dessa forma, este artigo objetiva analisar os possíveis elementos trabalhados na obra que permitem constatar uma espécie de "idealização autoral" delineada na construção da personagem Fábio Moura como herói idealizado pelo seu autor. Também através desta análise buscaremos estudar a relação entre os fatores externos e internos de uma obra literária, visto que a literatura e a sociedade coexistem em um mesmo âmbito, criando relações entre si através das obras e dos autores.

Desta forma, a metodologia utilizada nesta pesquisa será de cunho bibliográfico, que visa contemplar os postulados teóricos de autores como Flávio R. Kothe (1987), quando traça a construção e tipologia do herói na obra literária, Antonio Candido (2000), Lucien Goldmman (1976), Osana (2003), Nelly Novaes Coelho (2009) no qual tratarão da relação entre sociedade e literatura como elemento transformador na construção literária, e de Márcio Souza (2009), Neide Gondim (2007), Lucilene Gomes (2009), estes críticos tratarão da contextualização histórica do ciclo da borracha na Amazônia, da "invenção" da Amazônia ao período de "auge e derrocada" do ciclo

econômico de exploração e exportação do látex da borracha. Abrahim Baze (1998) que fala da biografia do autor Álvaro Maia.

1. A Relação entre Literatura e Sociedade

A criação literária, no decorrer dos séculos, sempre esteve de algum modo inspirada nos fatores que cercam a vida social, assim sendo, é indispensável analisar a influência que a sociedade exerce sobre a literatura, visto que "a literatura vai se construindo e se constituindo, enquanto expressão de uma sociedade" (Boccini e Osana 2003, p.24). Aos poucos o gênero literário, ganha relevância em sua constituição como um produto social, que tende transformar e relacionar a trajetória histórica de determinada sociedade no transcorrer dos tempos.

Nesses termos, a literatura e a sociedade sempre estiveram interligadas, seja de maneira "externa" ou "interna", visto que os autores, desde as sociedades primitivas, procuraram inserir na obra literária fatos vinculados aos meios sociais, assim como suas práticas, valores, normas e tradições. O modo de vida dos homens e certos aspectos por eles representados despertam grande interesse à criação literária.

Conforme afirma o crítico Antonio Candido, "Sabemos, ainda, que o externo (no caso, social) importa, não como causa, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno." (CANDIDO, 2000, p. 06). Deste modo, o fator social (externo) obtém importância em uma obra, a partir de uma dada função na formação da estrutura e a ocorrência dessa técnica literária torna o fator externo de outrora em interno.

Ainda segundo Candido, a relação entre autor, obra e sociedade, possui a capacidade de interligação na obra e, ao utilizar fundamentos sociais em seu trabalho, o autor vincula a inter-relação com a sociedade, no caso o (leitor) e com isso pode transmitir ao seu público por meio da leitura literária, uma visão ideológica, com questionamentos que os façam refletir sobre o mundo e valores tanto morais, como sociais, político e/ou econômicos:

> [...] quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na

> realidade decorre do impulso criador como unidade inseparável [...] (CANDIDO, 2000, p.27).

Assim, no momento que a obra literária alcança seu objetivo como meio de comunicação, o cenário se modifica, visto que a literatura não é apenas um simples reflexo da realidade que nos cerca, mas uma imitação dessa realidade. Desta forma, a literatura não pode ser entendida apenas como entretenimento, pois se trata de uma expressão cultural e artística, cuja função expressa em sua estrutura narrativa são oriundas de vivências extraídas do contexto social de uma determinada época, tais como: cultura, valores morais, religiosos, econômicos e/ou políticos de um povo.

Deste modo, com o decorrer do tempo, a literatura torna-se um produto notável e indispensável na transmissão de informações socioculturais de uma determinada civilização para gerações futuras, possibilitando ao receptor o conhecimento dos aspectos relevantes que a sociedade em si abrange na formação cultural. Nelly Novaes Coelho afirma que "Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo" (COELHO, 2009, p.16).

Desta maneira, a criação literária objetiva proporcionar ao público leitor conhecimentos que possibilitem transformar e ampliar sua consciência crítica, por meio da ficção, manifestação estética, ideológica das relações históricas, sociais, políticas e culturais. Para Nelly Novaes Coelho,

> [...] desde as origens, a literatura parece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais decidem as vontades ou ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 2009, p.29).

Em voga, a literatura abrange as mais diversas funções perante os seres humanos, cuja transmissão torna capaz de abrir novos horizontes antes desconhecidos, inerentes à vontade do autor. Como também nos afirma de Marisa Corrêa Silva:

> [...] A influência da obra na sociedade acontece porque os indivíduos que leem o texto recebem dele certa influência que pode traduzir-se na prática, mudando de alguma maneira o comportamento desses leitores. Essa influencia vem de dentro do livro, e não depende de o autor ter

> ou não ter dito consciência e/ou intenção de produzir esse efeito. (SILVA, p. 131, 2003).

Por sua vez, Goldman afirma que com o surgimento do gênero romanesco torna-se possível relacionar no mesmo âmbito literatura e sociedade "[...] no fundo, sendo o romance, durante toda a primeira parte da sua história, uma biografia e uma crônica social, sempre foi possível mostrar que a crônica social refletia, mais ou menos, a sociedade da época" (GOLDMANN, 1976, p. 14).

A literatura desenvolve um papel de grande relevância ao abordar o desenvolvimento da criação literária vinculada ao convívio social em suas obras, podemos assim, correlacionar a literatura e sociedade como aspectos que interligam experiências sociais e históricas, desse modo, a produção literária apresenta novas conceituações em sua criação. Diante das palavras de Marisa Corrêa Silva (2003), podemos compreender a literatura como fenômeno articulador entre os mais diversos campos sociais e culturais que uma obra é composta:

> [...] Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da 'inspiração' do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores. (p. 123)

Diante de tais considerações acerca do fenômeno literário, podemos afirmar que o contexto de uma obra abrange um conjunto de princípios ligados em uma totalidade maior, cujo contexto proporciona ao leitor conhecimento das relações histórico-sociais, políticas e culturais de uma sociedade, e através de uma obra torna-se possível analisar os aspectos sociais desta época. Sobre esse prisma surgem estudos de cunho sociológico no campo da literatura, cujos conceitos expressam a literatura como indissolúvel da sociedade, visto que a obra literária está interligada ao contexto social no qual foi produzida, e a ele se vincula.

É dentro desta perspectiva, sobre os conceitos que envolvem sociedade e literatura, como elo indispensável em uma obra, que tornam possível utilizar como foco analítico o papel do herói no romance, personagem utilizado no gênero literário como

fonte de descrições provenientes de um determinado cenário social, cuja trajetória torna possível analisar e compreender a cultura e os modos de vida social de uma época.

2. O que é o herói?

Desde a antiguidade, com as narrativas orais transmitidas de geração para geração, à criação do texto literário, que os textos narrativos envolvem uma diversidade de personagens que circulam em diferentes contextos e gêneros literários. Neste cenário podemos notar a presença de personagens de traços simples, personagens tipos, principais e secundários. Outros mais complexos, cuja personalidade desenvolve-se no decorrer do enredo, conforme sua relevância e participação na contextualização da narrativa.

Entre essa diversidade de personagens que uma obra oferece, temos, desde a mitologia, vários estereótipos de heróis, tais como Hércules, Aquiles entre outros que, devido à notoriedade ganharam admiração de seu povo pela coragem, inteligência, força e determinação em lutar para defender sua nação contra qualquer ameaça de destruição da harmonia social.

Assim, o herói se fez presente nas mais variadas áreas do universo literário, atravessando década, séculos, milênios, e também se contextualizando dentro dos mais diversos estilos e gêneros literários. Portanto, é a partir desta perspectiva, acerca do perfil do herói delineado no decorrer da narrativa, que alguns de seus aspectos serão aqui analisados dentro gênero literário.

3. O herói na narrativa

Mesclando ficção e realidade é que escritores fundamentam uma diversidade de gêneros. Desde a epopeia iniciaram a criação de obras literárias voltadas para a caracterização de um herói que vise contextualizar o modo de vida dos seres humanos com seus sofrimentos e alegrias.

Deste modo, surge o herói com intuito de buscar resolver o caos instaurado na sociedade em vigor, e através de seu percurso de lutas e vitórias, erros e acertos, a identificação estrutural verbal da narrativa, a estratificação da sociedade, os percalços em seu caminho, permearam por meio deste herói no universo literário.

Conforme Kothe, é por meio da tipologia do herói que se mostra o sistema social vigente de determinada época. Pressupõe que os vários heróis trabalhados na narrativa literária busquem cada um ao seu tempo expressar os modos, ações, questionamentos, cultura e significações de uma sociedade, sendo assim, elementos importantes e indispensáveis no processo literário,

> Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. Nenhuma obra literária consegue ser a totalidade, mas o percurso do herói pelo alto e pelo baixo pode ser um índice de totalização, uma totalidade indicada. [...] (KOTHE, 1987, P.8).

Assim sendo, o papel do herói na construção literária funciona como interligação entre o passado, presente e futuro, cuja função permite compreendermos conceitos comportamentais, culturais da sociedade que representa, visto que, a trajetória do herói no texto literário abrange diferentes campos sociais.

Na trajetória do herói na literatura, desde a mitologia até a modernidade, pode-se traçar o perfil de várias tipologias de heróis, tais como: os clássicos, constituídos pelos heróis épicos, heróis trágicos, heróis altos e heróis baixos. Porém, na modernidade, esta tipologia foi substituída por outra muito diferente, denominada "herói problemático", com características adversas daqueles heróis mitológicos, que possuíam poderes especiais de divindades, e que lutavam em prol de seu povo, já o herói moderno é um ser individualizado, com problemas e dúvidas no mundo em constantes transformações.

Segundo Kothe, "a rigor a luta da qual todos os heróis participam é a luta de classes, ainda que em geral tudo seja feito, em termos de deslocamentos, deformações e escamoteamentos" (KOTHE, 1987, p. 45). Então, através da trajetória do herói na obra, podemos notar os questionamentos a que ele se volta, e por mais que a narrativa tente mascarar suas reais intenções, cabe ao leitor mais atento perceber, através "das entrelinhas", seu envolvimento e/ou comprometimento nas questões sociais.

O herói épico[3] era dotado de força humana, caracterizado por surpreendentes aventuras, retratava a classe dominante e pela idealização em suas atitudes e aspirações

[3] Epopeia é denominada como narrativa em versos da poesia épica ou poesia heroica, de origem grega e onde são narrados acontecimentos históricos ou mitológicos transmitidos oralmente de geração em geração.

mais profundas, pois geralmente o herói épico agia guiado por ideias nobres de superação dos obstáculos, visando o alcance de seus objetivos, conforme afirma KOTHE, (1987, p.15) “O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história”. Este herói vivia em total harmonia em um mundo perfeito, em uma estrutura homogênea, onde sua grande preocupação era defender e proteger sua comunidade de possíveis invasores.

Não possuía questionamentos, pois antes mesmo de formular as perguntas, já contava com as respostas. Dessa forma, segundo Lukács “[...] ao sair em busca de aventuras e vencê–las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo [...]” (LUKÁCS, 2000, p. 26). Assim, podemos definir com precisão, nos temos de Lukács, a autêntica identidade do herói épico.

Já o herói trágico é aquele que, segundo Flávio Kothe, tem sua força centrada em seu destino, visto que, no decorrer de sua trajetória comete muitos erros e, em consequências de suas próprias ações, é atingido por várias desgraças que o leva a queda. Fazendo perceber que seu destino foi definido por suas atitudes e seu sofrimento precisa ser entendido com grande significação. Sobre isso, Kothe faz a seguinte afirmação:

> [...] Ele descobre a mão-de-ferro do poder, do destino, da historia: descobre que o seu agir foi errado; descobre que não devia ter feito tudo o fez; descobre que é o mais fraco na correlação de forças, embora aparente ser o mais forte, ou ainda que tenha acreditado ser o mais forte [...] (KOTHE, 1987, p.26).

Esse tipo de herói trágico possui grande destaque nas obras de William Shakespeare, como “king Lear”, “Macbeth” entre outros.

Em relação aos heróis altos e baixos, no âmbito literário, faz-se mister notar as abordagens que cada um desencadeia em seu percurso narrativo, tal como acontece na comédia, onde o herói tende mostrar o alto como baixo, porém seu foco relevante fica a cargo no baixo, pois assim como a sátira visa por meio da baixeza refletir as mazelas sociais, utilizando deste modo a narrativa como ferramenta de punição contra as classes dominantes do poder, o herói pretende desencadear, por meios de suas ações, uma maneira de limitar a visão da classe burguesa, em defesa dos fracos e oprimidos. Sobre esse prisma podemos relacionar o herói baixo como aquele pertencente à classe social

baixa, sendo considerado “rebaixado” pela elite do poder, diferentemente do herói alto, que se afirma como elevado e pertencente à classe elitizada.

Já o herói pícaro é de classe baixa, apresenta-se no romance literário com grande relevância, visto que seu papel funciona de forma crítica ao sistema dominante, sem necessariamente ser um revolucionário. Neste sentido KOTHE afirma: “Ainda que o sistema do romance seja crítico em relação à estrutura social (pois rebaixa elementos socialmente altos), a figura do pícaro não é propriamente revolucionária. [...]” (KOTHE, 1987, p.47).

O pícaro consegue mostrar o alto, no caso à elite capitalista como baixo sem maiores preocupações com a classe proletária e o trabalho alienado, sem que o herói pícaro aparentemente demonstre consciência, ou tão pouco, organização política para tal ação,

> O pícaro procura obter o máximo de trabalho o mínimo possível, enquanto o capitalista procura extrair do operário o máximo de trabalho pagando o mínimo possível. O pícaro é a caricatura avessa do capitalista. A sua louvação a preguiça e da vagabundagem carrega em si um implícito protesto contra o trabalho alienado. Mas ele não tem qualquer consciência nem organização politica. [...] (KOTHE, 1987, p.48).

Deste modo, o herói pícaro consegue sem muitos esforços físicos obter vantagens em seu próprio beneficio, utiliza de diferentes artifícios para atingir seus objetivos. E assim, as malandragens praticadas pelo pícaro funcionam no texto literário, muitas vezes como crítica ao sistema vigente.

4. O herói moderno

No gênero moderno, a criação literária volta-se para as questões do herói como parte integrante do processo de modernização, como ser ligado a outras pessoas e situações semelhantes, com impedimentos e problemas advindos de mundo globalizado e capitalista. Neste gênero temos a presença de um herói que não se distingue do homem comum e atual, pois possuí qualidades, defeitos, fraquezas individuais, dúvidas, entre outras características de um ser comum e frágil, que visa sua própria sobrevivência em um mundo fragmentado. O herói moderno, diferentemente do herói épico, é um personagem que rompe com a total harmonia de seu mundo, torna- se um sujeito questionador, problemático e solitário, como ressalta KOTHE:

> O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo. Se antigamente se colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade, o herói passa a ser, com o processo de industrialização, o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e baixa. [...] (KOTHE, 1987, P.65).

Então, o processo de modernização transformou o herói moderno em um ser comum, semelhante aos outros seres humanos, aproximando ainda mais obra e público, pois através das peripécias do herói, o leitor consegue se auto identificar, em suas características próprias, atitudes e defeitos, cuja representação e identificação ocorre por meio de um herói problemático que sofre as consequências de seus erros, advindos dos percalços de um mundo em constante transformação, visto que sua derrocada encontra-se aliada a um mundo em transformação, que torna-se o cerne da narrativa romanesca moderna.

Em meio a esse caos que se instaura, a angústia vivida pelo personagem/herói faz com que o leitor tome para si, em determinados momentos, os sofrimentos e angústias desse herói carregado de fraquezas, frustrações e sofrimentos, tamanho sua identificação com o personagem e sua ambientação neste mundo moderno e conflituoso no qual ele encontra-se inserido.

É diante de tais conceitos acerca do herói moderno, dentro deste gênero literário, que o personagem Fábio Moura, personagem central da obra *Beiradão*, de autoria de Álvaro Botelho Maia, será analisado dentro do contexto romanesco como herói idealizado em uma época de grandes desafios e sofrimentos para o povo que buscavam riquezas em terras amazônicas na época no período da borracha.

5. Contextualização histórica do ciclo da borracha na Amazônia.

De acordo com Neide Gondim, na obra "A invenção da Amazônia" (2007)[4], o primeiro contato dos europeus com a Amazônia deu-se a partir de três viagens expedicionárias: a primeira datada de 1541-1542, comandada Francisco Orellana. Conforme Gondim, "O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do europeu no maior rio da Amazônia, e foi regido pelo dominicano frei Gaspar de

[4] A obra *A Invenção da Amazônia*, de autoria de Neide Gondim originou-se de sua tese de doutorado e teve sua primeira edição publicada em 1984. Porém, as citações apresentadas neste trabalho são da 2ª. edição revisada, publicada em 2007 pela editora Valer.

Carvajal, expedicionário às ordens de Francisco Orellana.” (p.97-98). E é através destes relatos que o homem europeu tem conhecimento dos povos que já habitavam estas terras, assim como, flora, fauna e rios da região amazônica.

A segunda expedição ocorreu em 1637, sob o comando de Pedro Teixeira e narrada pelos cronistas jesuítas Alonso de Rojas e Cristóbal de Acuña, sendo esta a primeira de caráter científico com importantes relatos geográficos do rio das Amazonas. Descreve informações precisas de cunho comercial da natureza, os nativos e a diversidade de seus costumes.

O “descobrimento da Amazônia” tinha como intuito fins lucrativo, a busca pelo “El- Dorado” [5] repleto de riquezas, tornou- se para os europeus um sonho de fortunas indescritíveis e conquistas do “paraíso na terra”, com muitas possibilidades de exploração dessa mina verde denominada Amazônia.

A terceira expedição chefiada por La Condamine partiu de La Rochelle, em 1735, com o intuito de medir o arco meridiano, era composta por sábios, destinavam-se em duas expedições ao Equador e à Lapônia e pretendia-se buscar a veracidade dos fatos das viagens dos cronistas anteriores, assim como, o interesse pela exploração mineral e vegetal do “novo mundo”. O sucesso desta expedição de cunho científico contribuiria para a ciência, geografia, astronomia, a física, em geral, e a navegação.

Conforme Gondim, foi através dos relatos de La Condamine, que a borracha amazônica, utilizada pelos índios Omágua, começou a ser divulgada na Europa. A diversidade de formas desenvolvida com o látex da seringueira pelos indígenas chamou muito a atenção de La Condamine, cujas formas variavam:

> [...] A resina impermeabilizadora de outra árvore podia ser trabalhada segundo conformação que se lhe quisesse dar. Garrafas, botas, bolas que se achatam quando se aperta, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres. Os mestres dos portugueses foram os Omágua ou Cambeba. Viu no Pará um desses utensílios, bombas ou seringa sem pistão. O viajante atrapalha-se, preferindo a descrição à nomeação de tão estranho objeto indígena. (GONDIM, 2007, p.143)

[5] A lenda do Eldorado, que se fundava na crença de uma cidade repleta de ouro, cujo príncipe tinha também o corpo dourado, foi ouvida pelos primeiros conquistadores espanhóis que se fixaram, no século XV e XVI, nas costas da atual Colômbia e Venezuela, então chamada Terra Firme ou Terra Santa. A busca do Eldorado, que levou os europeus até ao Brasil, persistiu até meados do século XVIII. O Eldorado. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-08-29]. Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$o-eldorado>.

Deste modo, por meio destas expedições, o homem europeu teve ciência das terras Amazônicas, repleta de grandes oportunidades de exploração de suas riquezas e diante de tais revelações acerca da exuberância da floresta, fauna e flora os europeus iniciam a colonização do território amazônico.

Os colonizadores europeus enfrentaram dificuldades em adaptar sua cultura aos costumes extrativistas e também pela resistência dos indígenas. Segundo Márcio Souza, na obra "Breve história da Amazônia" (1994), a colonização, "[...] deixou traços profundos na Amazônia. Do mesmo modo como em outras regiões marcadas pela conquista, o processo histórico da Amazônia está perfeitamente inscrito no grande choque que foi a chegada dos europeus no continente americano [...]." (SOUZA, 1994, p.45). Porém, apesar da resistência indígena, os colonizadores acabaram recrutando os índios como mão de obra utilizada na exploração das riquezas amazônicas no processo colonial.

Assim, perante a convivência com os indígenas que os colonizadores obtiveram conhecimento sobre a borracha, e não encontrando o tão sonhado "El Dourado", os portugueses viram na extração do látex da seringueira, conhecida pelos índios omágua, de "hevê", uma matéria flexível, fabricada a partir da coagulação do leite de uma árvore, um meio de produção e confecção de vários utensílios. Porém, conforme Márcio Souza, o processo de reconhecimento e valorização da goma elástica (borracha) aconteceu lentamente:

> [...] os portugueses logo batizaram aquela árvore de seringueira. A borracha foi descoberta aos poucos como matéria-prima, numa lenta aceitação como produto comercial, tão lenta que ninguém podia prever a importância que iria adquirir na segunda metade do século XIX. (SOUZA, 1994, p.127).

Segundo Souza, ao poucos o comércio da borracha ganha força e sua extração cresceu rapidamente, atraindo muitos nordestinos que fugiam da miséria e da seca que os assolavam sua terra, porém não esperavam encontrar na Amazônia as más condições de trabalho a quais seriam submetidos.

> O seringueiro, retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era uma espécie de assalariado de um sistema absurdo. Era aparentemente livre, mas a estrutura concentradora do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Se tentava a fuga, isso podia significar a morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se

> como ser humano, era mais um vegetal do extrativismo. (SOUZA, 1994, p.140).

Assim, diante da possibilidade lucrativa que o látex oferecia, a extração da goma elástica gerou grandes riquezas ao dono do seringal, denominado como "seringalista, ou coronel da borracha" e, ao trabalhador, conhecido como "seringueiro", um estado de total miséria e degradação humana. Desse modo, o auge do ciclo da borracha na Amazônia alavancou em meados do ano de 1870, a economia da região.

Logo, os seringalistas começaram desfrutar o luxo de todas as riquezas da época proporcionadas pela comercialização da borracha, utilizando para isso o trabalho desumano do seringueiro. Os coronéis, diante de tantos bens, recriam em Manaus um cenário tipicamente europeu, considerada a "*Belle époque*", uma cidade luxuosa. De acordo com Márcio Souza:

> Manaus foi a única cidade brasileira a mergulhar de corpo e alma na franca camaradagem dispendiosa da belle époque. Os coronéis de seus palacetes, com um pé na cidade e outro no distante barracão central, pareciam dispostos a recriar todas as delícias, mesmo a peso de ouro. A boa vida estava escudada por uma conveniente hipocrisia vitoriana, que era de bom-tom, moderna e muito propícia a quem fora educado na rígida sociedade patriarcal portuguesa. De um certo ângulo, pareciam perder a definição nacional e aspiravam ao estatuto de cidadãos do mundo. O internacionalismo do lucro burguês e da ganância imperialista seduzia os broncos extrativistas. A moral da burguesia internacional ganhava na região um novo corpo e podia ser distendida ao sabor dos interesses. (SOUZA, 1994, p.138)

No entanto, segundo Souza, com apogeu da borracha, a economia do país progrediu, atraindo novos olhares de outros países europeus pela goma elástica, cuja produção da borracha por esses países estimulou a competição no mercado, dificultando a comercialização brasileira, sendo a crise desse ciclo causada primeiramente pelo processo de retirada das sementes da seringueira das terras amazônicas e permitiu a plantação da seringa na Ásia.

> [...] numa operação de contrabando à qual a lenda empresta lances de ação de espionagem, o aventureiro inglês Henry Alexander Wickham conseguiu uma partida de setenta mil sementes de seringueira e enviou-as para Londres. Plantadas experimentalmente em Kew Garden, as mudas foram transferidas, mais tarde, para o sudeste da Ásia, região da faixa equatorial e com clima semelhante ao amazônico. As mudas cresceram, transformaram-se em seringais ordenados como um bosque europeu e começaram a produzir. (SOUZA, 1994, p.146)

Nesse cenário, o país asiático sobressaiu na industrialização e comercialização da borracha, desvalorizando com isso o mercado brasileiro, principalmente pelo fato da borracha asiática possuir custo baixo e apresentar melhor qualidade. E assim, perante tais eventualidades sofridas na exportação, a borracha sofre a derrocada de um ciclo cercado de grandes riquezas e glamour na Amazônia. Nessa proposta, que vincula desde o auge à queda da borracha, que alguns aspectos dessa época são abordados pelo autor Álvaro Maia em sua obra *Beiradão*.

6. Álvaro Botelho Maia e sua obra *Beiradão*

Nascido 19 de fevereiro de 1893, no seringal Goiabal, município de Humaitá, Álvaro Botelho Maia, viveu sua infância no seringal junto à família. Ainda criança foi para Manaus com o intuito de dar continuidade aos estudos, vindo a concluir a faculdade de direito no Rio de Janeiro em 1917, retornando Manaus já formado.

O ato de escrever aconteceu muito cedo em sua vida, durante o secundário, Álvaro Maia trabalhou no Jornal Comércio. Ingressou também no cenário político e em outubro de 1950 foi eleito governador do estado do Amazonas. Também exerceu a função de senador por mais de uma vez.

Álvaro Botelho Maia destacou-se na literatura amazonense, segundo Abrahim Baze (1998) em “1943 publicou seu primeiro livro intitulado *Na Vanguarda da Retaguarda*, reunindo crônicas relativas à campanha pelo aumento da produção da borracha.” (BAZE, 1998, p. 107). Sendo que em 1925, Maia já havia sido escolhido em um concurso como “príncipe dos poetas amazonenses”. Escreveu diversas obras tais como: *Gente dos Seringais* (1956), *Buzina dos Paranás* (1958), *Beiradão* (1958), *Banco de Canoa* (1963), *Defumadores e Porongas* (1966) entre outras. Suas obras apresentavam um grande desejo por mudanças, visto que Álvaro Maia vislumbrava um futuro melhor para seu povo.

Álvaro Maia é um dos escritores representante da literatura amazonense, sua carreira mesclava entre a vida intelectual e a liderança política estadual. A notoriedade de seu trabalho ganha relevância pelo engajamento social e político presente em sua obra, ele inaugura na prosa de ficção uma tendência de denúncia do extrativismo e de identificação com o homem interiorano, valorizando o regionalismo amazonense, tendo como pano de fundo a fauna e a flora local.

Na obra *Beiradão* (1958), objeto de análise desse trabalho, assim como nas demais obras de sua autoria, a temática alvareana mostra-se voltada principalmente para o tema central do ciclo da borracha, como uma espécie de estudo e observação da sociedade degradante no interior do Amazonas, quando muitos nordestinos vêm para a Amazônia fugindo da seca para trabalhar no seringal em busca de uma vida melhor. Sua obra retrata do auge à derrocada do ciclo da borracha.

O romance *Beiradão*, eleito aqui como nosso foco de análise, divide-se em três partes, onde em cada uma delas remete a um espaço de tempo do ciclo da borracha na Amazônia, sendo a primeira parte intitulada de "Bambural", retrata a chegada dos desbravadores; a segunda parte, "Serras e Centros", aborda o período do auge ao declínio da borracha; terceira "Beiradão", representa o período de pós-crise no seringal.

Como podemos perceber, trata-se de uma narrativa cujo tema, do início ao fim, é o ciclo da borracha na Amazônia, na qual o autor procura retratar de modo fiel os fatos e tipos humanos que vivem/viveram no lugar, tais como: os sinais da terra, das florestas, dos lugarejos, dos barracões dos seringais, dos dramas de adultérios, das lutas por mulheres, das pragas de insetos, os desesperos humanos, as doenças, as desavenças entre patrões e empregados, enfim, uma infinidade de fatos que o próprio autor diz em depoimento, que costumava pesquisar relatos reais para compor suas narrativas, ou seja, suas narrativas são pautadas em fatos reais.

Porém, um fato se sobressai e nos chama a atenção dentro da narrativa alvareana: a composição do personagem Fabio Moura. Sabe-se, de acordo com a biografia do autor, que o mesmo era um idealizador que lutava contra as adversidades, principalmente na época do declínio do ciclo da borracha, ele temia pelo futuro das pessoas que viviam nos interiores, trabalhando nos seringais, logo, percebemos na construção da personagem Fábio Moura o forte caráter idealizador que seu autor embute em sua personalidade, e que para nós será motivo de análise.

7. Fabio Moura: o herói idealizado na obra *Beiradão*

O personagem Fábio Moura, figura cerne desse trabalho, é oriundo de Crato no estado do Ceará, pertence a uma família abastada de fazendeiros nordestinos. Foi escolhido pelo pai, entre os irmãos, para o sacerdócio, não compreendeu tal decisão, mas acabou aceitando a vocação. Porém, tempos depois, devido a grande estiagem que

assolava o nordeste e a falência de seus pais, viu-se obrigado a abandonar a vida eclesiástica e seguir rumo às terras desconhecidas da Amazônia em busca de melhores condições de vida: “Os dezoitos anos de Fábio foram envelhecidos, de momento, pela determinação – sair do seminário e, pela ruína da família, desesperada pela morte dos seus chefes, procurar o destino em outras terras” (Beiradão, p. 55).

Assim, Fábio Moura, junto com outros conterrâneos, desembarca no amazonas, trazendo na bagagem o sonho de “fazer a vida” com a extração da borracha e depois retornar ao nordeste. Conforme Márcio Souza, o êxodo aconteceu,

> [...] Entre 1877 e 1879, o Nordeste brasileiro sofre uma das piores secas de sua História. Somente do Ceará, mais de 65.000 pessoas partem para a Amazônia, acossados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária. Esse contingente humano vai servir de mão-de-obra nos seringais, avançando a fronteira do extrativismo. Em pouco tempo, a maioria desses cearenses entra pelo rio Purus, ocupando zonas ricas de seringais. (SOUZA, 2009, p. 247).

A vida no seringal mostrou-se árdua, cercada de desafios e obstáculos, antes ignorada por Fábio, contudo sua vontade de vencer o levou a trilhar rumos jamais imaginados. Trabalhou para o coronel de barranco no recenseamento dos seringais, “Fábio revistava o censo de vidas e mortes no macabro livro, alinhavado a lápis, entre borrachudos e chuvas, ao longo de estirões e cachoeiras” (p.45), enfrentou os perigos da floresta, rios desconhecidos durante expedições pelos rios em busca de novos seringais, “Fábio também adoecera gravemente. Quando despertava dos delírios febris, aconselhava os mateiros, ansiosos de regresso.” (p. 50)

Conforme Kothe, o herói moderno na narrativa nos é apresentado por meio de ações e questionamentos, angústias e sofrimentos no decorrer de sua trajetória, assim sendo, podemos enfatizar tais características presentes na trajetória da personagem de Fábio Moura na obra *Beiradão*, cujas ações desencadeiam tais características presentes na formação deste personagem, visto que, Fábio ganha notoriedade dentro contexto literário alvareano por sua luta e questionamentos, tanto na fase áurea da extração do látex, como na decadência econômica do ciclo gomífero.

No de correr da narrativa, Fábio foi aos poucos delineando caminhos opostos aos de outros conterrâneos, onde o sofrimento e as condições subumanas vividas nos seringais transformaram estes homens em “bárbaros”. Apesar de todos os percalços, Fábio Moura manteve- se honesto e íntegro em suas ações, tanto com os patrões, como

também com os demais seringueiros. Seu caráter muda não só a trajetória de sua vida, como também de outras pessoas ao seu redor. Demonstra admiração pela coragem dos companheiros e acreditava que algum dia o esforço seria reconhecido:

> Fábio Moura admirava aquela gente, que se apropriara dos seringais, como intrépidas coortes de trabalhadores. Mutilados nas viagens longas, não se consideravam vencidos; queriam a recuperação da saúde para novas lutas nas cachoeiras.
> O desbravamento cabia àqueles aventureiros denodados, sem apoio em governos e companhia de imigração. Um dia, pela voz de seus historiadores, o Brasil teria de reconhecer a energia daquelas expedições, tão extraordinárias como as das bandeiras. (Beiradão, p.53)

Fábio não deixou- se contaminar pelo meio, mesmo vindo de família abastada, sempre tratou todos com respeito, sempre pronto a ajudar e defender aqueles homens castigados pela precária situação em que se encontravam, vivendo sozinhos e distantes dos centros, sem nenhum tipo de assistência e explorados pelos seringalistas. De algum modo, a educação obtida em tempos de seminário ajudou Fábio a compreender e respeitar estes homens. E assim, aos pouco conquistou a confiança de todos:

> [...] Os seringueiros entreolharam-se; respeitavam aquele rapaz magro, de olhos ardentes, sempre arredio, mas atencioso para todos. Era quem lia e respondia as cartas para os parentes do Ceará, quem desfiava as contas dos patrões, quem os defendia perante o cabo e os soldados do contingente. Não andava armado e inspirava instinto respeito [...] (Beiradão, p.74)

Como podemos observar, Fábio se destacou pelo trabalho, esforço e dedicação, fugia de quaisquer confusões, sejam nos recenseamentos, expedições cercadas de aventuras, sofrimentos e privações, seja na convivência com seus companheiros e patrões. Um rapaz inteligente e de caráter firme, que muitas vezes interviu em questões conflituosas entre coronel e seringueiro. E mesmo não concordando com as práticas da politicagem na região também auxiliou em algumas questões, evitando tragédias:

> Anunciava-se a batalha de Humaitá; os vivos já pensavam nos mortos, em missas, luto e dificuldades. O mercado fechou: os beiradeiros, cientes dos acontecimentos, ficavam nos sítios.
> Fábio ponderou que, antes do combate lesse a correspondência, circunstanciando as reuniões que pregavam a salvação do interior, se houvesse chacina, o governo mandaria um delegado militar, que abriria inquérito, prenderia rebeldes, reporia o superintendente

> abalando o prestigio dos chefes em desentendimento. (Beiradão, p.186)

Desse modo, Fábio foi trilhando seu caminhar pelas terras amazônicas, depois de anos de trabalho árduo, conseguiu acumular um pequeno saldo, e regressou a sua terra natal. “Partiu para o nordeste, desviando a alma para aquele cenário, em que enchera de recordações”. Durante o regresso reviveu os desafios enfrentados “olhou os seringais, imaginando os dramas vividos em cada um, o esforço de todos para vencer a agrestia quase invencível”. (Beiradão, p. 162)

Ao analisar a personagem Fábio constatamos o seu amor pela terra amazônica, visto que, diferentemente do esperado com o regresso ao Crato, Fábio nos surpreende ao decidir retornar ao Amazonas, nos mostra que, apesar dos sofrimentos passados nos seringais, aprendeu a admirar a exuberância da floresta, fauna e rios. Diante da visão de Fábio, podemos perceber que, apesar de guardar em seu coração o nordeste, o Amazonas tornou-se para ele definitivamente seu novo lar:

> Contraíra o vírus dos bamburrais, ouvira a barulheira do vento, derrubada de árvores. Passava-lhe, pela imaginação escaldante, rios imensos, corredeiras, praias recobertas de oueranas, e não sentiria prazer em afastar-se das terras em flor, onde renascia o Brasil. Demais, ali, havia muita gente. Tudo voltará à fartura e à normalidade. Lá não! Era a imensidade com verdor e vida. Nova missão surgia aos nordestinos – desbravar o Amazonas, incorporar os seringais ao movimento econômico do vale. Teria de enfrentar indígenas, morrer nos entreveros do paludismo, assassinar ou ser assassinado, mas, de qualquer forma, auxiliaria a plantar as sementes de redenção nessa imensidade. (Beiradão, p.171)

E assim, Fábio retorna para o Amazonas trazendo consigo a vontade de cultivar a terra e vencer os obstáculos. Com a pequena herança do pai comprou um pequeno seringal, torna-se seringalista, casa-se com filha de um seringalista, que assim como ele, teve educação religiosa. Funda uma escola na qual educa gratuitamente seus filhos e os de seus empregados. Percebemos aqui como a personagem Fabio Moura se diferencia das demais personagens dentro da narrativa, ou seja, uma pessoa que não se preocupava somente consigo mesma, mas também com o bem da coletividade, alguém que busca solução para os problemas das pessoas que estão próximas. Por mais que essas ações não se manifestem de forma eloquente ou heroica, mas é justamente nas ações “normais”, ou “comuns” que podemos também identificar e classificá-las como

pertencentes ao “herói moderno”, uma vez tratar-se de um “ser comum, semelhante aos demais seres humanos”.

A vivência em torno dos seringais e da política não mudou o posicionamento de Fábio Moura perante seus empregados, diferentemente dos demais seringalistas que visavam somente obter lucros com a exploração do látex, utilizando mão de obra escrava dos seringueiros. Os ensinamentos adquiridos com a formação religiosa permitiram-lhe um espírito mais humanitário, o que o difere dos demais seringalistas da época. Vislumbrava um futuro melhor para todos, “não nascera para ganhar e sim para dar de ganhar aos demais” (p. 192). Desse modo, com o olhar no futuro, Fábio acreditava que o cultivo da terra permitia ir além das árvores das seringueiras, e logo começara a cultivar em suas terras roças, árvores frutíferas, investiu na criação de animais, como: vacas, porcos, carneiros e etc.

> O sítio prosperava e o seringal produzia. As laranjeiras, alvas no luar das flores, davam centenas de frutos por unidade. Vacas e carneiros pastavam; pombos de criação revoavam; porcos grunhiam nos matos e nos chiqueiros. Completavam- se, assim, a defesa econômica- uma granja, à entrada do seringal, roçados em redor, criações variadas. (Beiradão, p.195)

Fábio preocupou-se não somente com o presente, suas atitudes mostram que no Amazonas também era possível viver do cultivo de outras espécies de plantas e da criação de animais, visto que, “terra em que não se plantava, não se criava, importando-se sempre e destruindo as reservas naturais.” (Beiradão, p. 193). A visão diferenciada de Fábio permitiu investir no cultivo, “selecionou o maior pomar das redondezas, talado pelos troncos de terra caída. Misturavam-se espécimes do nordeste e do Pará as arvores regionais.” (Beiradão, p. 194). De certo modo, o cultivo da terra proporcionou alicerce para enfrentar qualquer crise.

O ideal de um futuro melhor não mudou a posição de Fábio, nem mesmo diante da crise provocada pela varíola que acometeu alguns seringais, inclusive o de sua propriedade, Fábio e sua esposa isolaram seus filhos e juntos prestaram assistência aos doentes e suas famílias. Podemos salientar, nesses termos, a bondade nas ações de ambos, na dedicação com que cuidaram dos enfermos,

> Fábio e a mulher que a tiveram em criança, com marcas no rosto, isolaram os filhos na ponta da ilha, lado de cima e a favor do vento, e enfrentaram o perigo. Irmanavam-se, mais uma vez, como

> enfermeiros, salvando alguns e assistindo a morte de outros nos próprios braços. (Beiradão, p.195)

Nem mesmo a epidemia de varíola abalou o otimismo e a esperança de dias vindouros. Fábio nada cobrou pela dedicação e pediu paciência aos seringueiros, "Devem ter calma e esperança. Daqui a 50 anos, tudo mudará. Preparam esse tempo para nossos filhos, que terão liberdade, assistência médica, escolas". (Beiradão, p.199)

Fábio tinha consigo a vontade de vencer todas as barreiras que o impedia de progredir no Amazonas. Enfrentou a varíola e preparou-se contra a queda da borracha transformando suas terras em "seringal-fazenda", foi criticado por alguns pelo processo de plantação sertaneja. É perceptível notar que, a visão idealizadora apresentada por Fábio Moura intensificou com a crise econômica enfrentada pela queda do preço da borracha. "Fábio, pequeno e sem voos, era menos atingido. Não pudera amealhar nos aviadores. O pouco fora devorado pela varíola. Mas plantara, criara, capitalizara a terra." (Beiradão, p. 226). Reuniu seus empregados e expôs a dura realidade que se encontravam os efeitos da crise, porém, ao contrário do que aconteceu em outros seringais, os empregados de Fábio resolveram permanecer no seringal trabalhando na agricultura e na criação de animais como meio de sobrevivência.

Diante da crise o governo federal oferecia passagens para os seringueiros retornarem a terra natal. Mas Fábio não via tal oferta como uma saída para solucionar os problemas da crise, acreditava que deveriam permanecer nas terras e trabalhar no incentivo da agricultura, pois o retorno para Manaus não garantia melhores condições de sobrevivência a esses trabalhadores, ao contrário, a miséria assolava o Amazonas em todos os recantos. Portanto, a ida desses trabalhadores acarretaria no aumento desenfreado da população em Manaus, estes vivendo em condições precárias e totalmente abandonados pelo governo. Como é possível notar na seguinte situação:

> Atrasaram os vencimentos do funcionalismo, dos fornecimentos, paralisaram-se as construções, desalugavam-se residências, e a miséria alastrou-se. As noticias da capital não eram boas: falhavam os lóides, e os seringueiros, egressos do interior, aboletavam-se nos subúrbios, sem profissão e sem trabalho. Teria sido melhor permanecer nos seringais, - e os próprios delegados federais aconselhavam que não se precipitassem para as cidades; deviam aguardar a chamada, de acordo com o número de passagens, vagavam pelas ruas, aglomeravam-se às portas das repartições públicas, rogando comida e trabalho [...]. (Beiradão, p.291)

Podemos perceber na construção da personagem Fábio Moura, caraterística que nos remete a experiência de vida do próprio autor Álvaro Botelho Maia, tendo em vista que, conhecendo sua biografia e, através da leitura do romance torna-se possível fazer um paralelo das ideologias as quais o autor se voltava. Álvaro Maia, escritor e político introduz em sua obra por meio da personalidade de Fábio ideias próprios de lutas e questionamentos a respeito da permanência do homem em terras amazônicas. Vislumbrava o crescimento da região, a permanência do homem na terra muito além da extração da borracha, acreditava ser possível cultivar a terra, desenvolver a agricultura de subsistência e a criações de animais em pequenas propriedades, evitando assim, o acarretamento de problemas sociais devido ao êxodo desenfreado de seringueiros fugindo da fome e indo em direção a Manaus devido a desvalorização da borracha, ocasionando o surgimento de favelas, miséria e fome em Manaus.

Essa era a realidade que os aguardava, não havia outra alternativa. Voltar para o nordeste também significaria algo parecido. Com a queda do preço da borracha o comércio de Manaus também entra em decadência, Vários comerciantes são obrigados a fecharem seus estabelecimentos e alguns, provenientes e outras regiões, inclusive, voltam para suas terras de origem. Diante desta situação de caos, muitos seringueiros que se aventuravam a ir para Manaus em busca de trabalho acabavam arrependendo-se de ter deixado o seringal, tamanha a miséria e o abano em que se encontravam. Tal situação nos leva a observar a forma como o autor, no uso da função autoral, delineia seu personagem principal, Fábio Moura, dotado de todas as características sobre as quais podemos classificá-lo como um “herói idealizado”, uma vez que este personagem cumpre perfeitamente, como já foi dito, com os mesmo princípios políticos e sociais que o próprio autor, segundo sua biografia, sempre almejou para esta região.

Em suma, a idealização de Fábio Moura pelo Autor volta-se aos questionamentos políticos e sociais estabelecidos em uma época de grandes desafios e adversidades, onde a sobrevivência das pessoas no interior do estado no declínio da borracha era vista com grande preocupação na narrativa. Nessa perspectiva, a personagem Fábio acreditava em um futuro promissor para região e seus habitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente nos propusemos neste artigo realizar uma pesquisa bibliográfica entre literatura e sociedade, uma vez que ambas sempre estiveram de alguma forma interligadas ao ambiente de criação literária, devido fatores como: a origem, o meio social e a vida do autor apresentarem correlação no contexto no qual a obra esta inserida, ou seja, a obra literária reflete externamente o mundo, permitindo analisar a ligação de fatores entre ambas.

Em seguida, foi feita a contextualização acerca das tipologias de heróis presentes nos textos literários, de modo a compreendermos em qual categoria o objeto de análise deste trabalho esta pautado. Logo em seguida realizou-se um estudo do contexto histórico da Amazônia, desde sua origem ao declínio da borracha, na busca de desenvolver e contextualizar os elementos necessários para o desenvolvimento da análise deste trabalho.

Ao analisarmos a obra *Beiradão*, escrita por Álvaro Maia, foi perceptível os fatores históricos, sociais e idealizadores embutidos na narrativa, determinando a relevância dos elementos desta análise.

Tendo em vista, a proposta de análise centrada na idealização do autor sobre a personagem de destaque na obra, Fábio Moura, encontramos subsídios que expressam por meio de suas ações, comportamentos e questionamentos características presentes no enredo que se derivam do engajamento social e político de seu criador.

Álvaro Maia, assim como Fábio, manifestavam o desejo de transformação do interior do Amazonas em um local favorável aos habitantes, cuja riqueza de fauna e flora era capaz de oferecer por meio do cultivo da terra, melhores oportunidades de sobrevivência independente da extração da borracha para tal fim. Como podemos perceber, Fábio nos mostra por meio de suas atitudes e peculiaridades o anseio por mudanças de pensamento não somente por parte dos habitantes do Amazonas, mas também pelo governo que se mostrava ausente e descompromissado com o povo amazônico, abandonado a própria sorte após a crise da borracha.

Álvaro Maia, utilizou na narrativa, anseios reais de um povo, viabilizou argumentos sociais externos em internos na obra. É possível salientar as ideologias cercadas de desejo de profundas mudanças no campo social, seja através da crise do látex da seringueira, dos conflitos entre seringalistas e seringueiros, seja pelas complexas visões entre real e imaginário, de sofrimento e miséria de um povo imbricado no contexto narrativo. A saga do nordestino Fábio Moura, ex-seminarista e de família abastada nos mostra a trajetória de um homem que aprendeu a amar e

respeitar o Amazonas, apesar de todas as adversidades de um lugar ignorado por muitos, Fábio conseguiu vislumbrar o grande potencial para agricultura e criação de animais que esta terra oferecia. No decorrer da narrativa é possível observar a preocupação de Fábio com a educação não só de seus filhos, como também dos demais seringueiros, vemos neste sentido, que Álvaro Maia mostra muito de si na figura da personagem Fábio.

Desse modo, a postura de Fábio diante a crise nos permite considera-lo um "herói moderno", com angústias e sofrimentos, erros e acertos, Fábio não desiste de lutar perante os percalços da vida, de um mundo em plena transformação. Assim a leitura de *Beiradão* nos permitiu compreender a relação de ideologia do criador com sua criatura inserida na narrativa alvareana.

Referencial

BAZE, Abrahim Sena, **Álvaro Maia, Memorias de um Poeta**. 4. Ed. Novo Tempo Ltda, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. 7. Ed. Ver. São Paulo: Moderna, 2009.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GODIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance:** Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2. ed. Editora Àtica. 1987.

MAIA, Álvaro. **Beiradão.** Organizado por Tenório Telles e estudo crítico por Neide Gondim. 2ª ed. rev. Manaus: Editora Valer/ Editora da Universidade do Amazonas, 199.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária**: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia.** / Márcio Souza. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** / Márcio Souza. – Manaus: Editora Valer, 2009.